

Perspetiva histórica e social do concelho de Alijó a partir das Memórias Paroquiais de 1758

Joaquim Grácio¹

Resumo: Neste artigo faz-se uma aproximação à história económica, demográfica, social, administrativa e cultural do concelho de Alijó a partir de fontes e obras referenciais do século XVIII. O autor serve-se de dados da “Corografia Portuguesa”, da “História Eclesiástica e Secular do Reino e suas Conquistas”, do “Dicionário Geográfico”, das “Memórias Paroquiais”, do “Mapa do estado actual da Província de Trás-os-Montes”, e da “Descrição económica do Território que vulgarmente se chama Alto Douro”, para caracterizar e descrever a realidade setecentista da circunscrição territorial que na actualidade corresponde ao concelho de Alijó.

1. Introdução

Ao longo de todo o séc. XVIII, mas principalmente a partir da criação da Academia Portuguesa de História e da Academia das Ciências de Lisboa, assistiu-se, em Portugal, a um vasto conjunto de iniciativas tendentes à recolha de informação significativa para o conhecimento e a descrição do País sob os pontos de vista geográfico, económico, demográfico, social, administrativo e cultural².

A “*Corografia Portuguesa*”, da autoria do padre António Carvalho da Costa, publicada em 1706 e largamente difundida, foi o primeiro grande trabalho de divulgação do território nacional e viria a constituir-se como a grande referência para todos quantos, a partir de então, se envolveram no processo de conhecimento e descrição do reino.

Imbuída deste espírito historiográfico, a Academia Portuguesa de História, fundada em 1720, elegeu como grande objetivo a elaboração de uma “*História Eclesiástica e Secular do Reino e suas Conquistas*”³, em cujo âmbito promoveu, logo em 1721, a realização de um Inquérito destinado a recolher, junto das paróquias da diocese de Coimbra, informação relevante que pretendia, num segundo momento, estender a todo o país⁴.

Na sequência e em continuidade destes trabalhos, o padre Luis Cardoso publicou, entre 1747 e 1751, dois volumes do “Dicionário Geográfico” com a descrição de todas as cidades, vilas, lugares e aldeias, mas também dos rios e das serras de Portugal e do Algarve.

Finalmente, em 1758, foram levadas a cabo as “Memórias Paroquiais” que, embora mantendo a matriz do Inquérito de 1721, apresentavam relativamente a ele diferenças apreciáveis, particularmente no que se refere ao volume e variedade da informação solicitada e recolhida, isto apesar das respostas aos vários

1. Professor de formação, é investigador e divulgador da história e do património do Município de Alijó. Publicou livros como a “Monografia de Sanfins do Douro” ou “Contos de Vilarelho”. O seu mais recente trabalho intitula-se “Romaria de Nossa Senhora da Piedade – 200 anos de esplendor e de abundância”.

2. Mendes, Amado, “Trás-os-Montes nos fins do Século XVIII”, 1995.

3. Serrão, Joaquim Veríssimo, “A Historiografia Portuguesa. Doutrina e Crítica”, 1974.

4. Sousa, Fernando de e Silva Guimarães, “Memórias de Vila Real”, 1987.

itens dependerem da sensibilidade dos párocos memorialistas, da sua desenvoltura intelectual e do seu empenho.

Apesar da falta de homogeneidade das respostas, as “Memórias Paroquiais de 1758” continuam a ser, nos nossos dias, uma fonte preciosa de informação para quantos se interessam pela História local e procuram descobrir e interpretar comportamentos, afinidades e pequenas ou grandes rivalidades que persistem nos nossos dias entre terras vizinhas e constituem a matriz da sua identidade cultural.

Sempre que possível, as informações extraídas das Memórias serão complementadas, ao longo do presente trabalho, com outras retiradas, nomeadamente, do “Mapa do estado actual da Província de Trás-os-Montes”, elaborado por Columbano Pinto Ribeiro de Castro no ano de 1796 e da “Descrição económica do Território que vulgarmente se chama

Alto Douro”, de Francisco Pereira Rebello da Fonseca, publicado em 1791.

2. Considerações gerais sobre as Memórias Paroquiais

No território que é hoje o Concelho de Alijó existiam, em 1785, dezoito paróquias. As Memórias Paroquiais foram elaboradas, no entanto, por apenas dezassete memorialistas, uma vez que o padre Manoel Teixeira redigiu as memórias de Pegarinhos e de Santa Eugénia.

Embora todas as paróquias tivessem recebido o mesmo questionário, o facto de serem tantas pessoas diferentes a responder, cada uma com a sua sensibilidade pessoal, a sua instrução e os seus estados de alma faz com que o produto final

seja pouco coerente e o grau de profundidade das respostas se apresente também muito diferente⁵.

Na realidade, há párocos que são extremamente meticolosos nas suas respostas, seguindo os itens do interrogatório, mesmo que estes se não apliquem à sua paróquia; outros respondem de forma mais aligeirada, não entrando muito em pormenores que poderiam ser interessantes ou perdendo-se em detalhes sem relevância. Todos, no entanto, se preocupam em afiançar a veracidade das suas informações. O coadjutor de Favaios refere, ao terminar a sua memória: “*E nem por ciência própria, nem por informações que tomei achei mais do que vai escrito.*” Na mesma lógica, o abade de S. Mamede, assevera: “*E não se me oferece mais de que dar conta destas nem nos mais interrogatórios que deixo em silêncio por não haver neles de que dar.*” Continuando nesta linha, o pároco de Sanfins confirma: “*É o que achei, umas coisas por as ver, outras por me informarem pessoas fidedignas.*”

É, todavia, nas respostas sobre a população que há menor homogeneidade, dado que os próprios conceitos sobre os quais os respondentes laboravam eram bastante ambíguos: elas vão do “*pouco mais ou menos*” do coadjutor de Favaios, à minúcia do vigário de Castedo ou dos párocos de Vale de Mendiz e de Vila Verde que identificam “*peças de sacramento*”, “*peças ausentes*” e até “*menores*”. No conjunto das respostas, os termos “*vizinhos*” e “*moradores*” são usados como sinónimos de “*fogos*”, o mesmo acontecendo com os vocábulos “*almas*” e “*peças*” com o significado de “*habitantes*”. Uma outra discrepância identificada tem a ver com o conceito de “*peças menores*” que os memorialistas utilizavam na classificação dos moradores mais jovens das suas paróquias e que tanto podiam referir-se a maiores de sete anos e menores de 14 – população que apenas frequentava o sacramento da confissão – como

apenas a menores de sete anos, grupo etário sem frequência de qualquer sacramento⁶.

De qualquer forma, mesmo com estes constrangimentos, o levantamento populacional efetuado pelos memorialistas serviu de base a quase todas as descrições e estudos demográficos posteriores.

3. A configuração geográfica do concelho de Alijó nas memórias paroquiais

O Concelho de Alijó apenas adquiriu a sua presente configuração geográfica com a Reforma Administrativa de 1853. Na realidade, a área atribuída ao concelho pelo Foral de D. Sancho II, em 1226, apenas incluía as povoações de Alijó, Granja, Pre-sandões, Chã, Valdemir, Santa Eugénia, Casas da Serra, Carlão, Franzilhal, Safres, Castedo e Cotas.

No seu atual território se formaram, em épocas distintas e com períodos de existência e índices de desenvolvimento e de autonomia diferenciados, os concelhos de Favaios e de Vilar de Maçada e o Couto de S. Mamede de Ribatua, definitivamente integrados no de Alijó a 24 de Outubro de 1855⁷.

Analisando os elementos fornecidos pelas memórias, verificamos que apenas as paróquias de Alijó, Amieiro, Carlão, Castedo, Cotas, Ribalonga e Vila Verde pertenciam ao concelho de Alijó. A paróquia de Cotas constituía, no entanto, um caso muito especial: a sede estava repartida pelos concelhos de Alijó e de Vila Real e a sua anexa, Póvoa, estava dividida pelos concelhos de Favaios e de Alijó. Na paróquia de Vila Verde, apenas a sede e os lugares de Freixo, Jorjais e Perafita pertenciam ao concelho de Alijó; Balsa e Fundões, pertenciam à honra de Parada de Pinhão e Souto de Escarão e Vale de Agodim pertenciam à paróquia de Torre do Pinhão, do concelho de Sabrosa.

Ao concelho de Favaios apenas pertencia a paróquia de Favaios, tendo como anexos os lugares de Mondego, Soutelinho e parte de Póvoa. Igualmente

Quadro nº 1. Padres memorialistas e respetivas funções na paróquia

PARÓQUIA	REDATOR	FUNÇÃO
Alijó	Bernardo Alvares Esteves	Reitor
Amieiro	João Baptista Chaves Magalhães	Vigário
Carlão	Joze Correa da Fonseca	Vigário
Casal de Loivos	Caetano Oliveira Salgado	Vigário
Castedo	Domingos Coelho	Vigário
Cotas	António Borges Sá	Vigário
Favaios	Domingos Rodrigues Adam	Coadjutor
Pegarinhos	Manoel Teixeira	Cura
Pópulo	Gonçalo Domingues	Padre
Ribalonga	Manoel Lourenço Pinto	Cura
Sanfins do Douro	Vicente Ferreira	Padre
Santa Eugénia	Manoel Teixeira	Pároco
S. Mamede de Ribatua	Domingos Pinto	Abade
Vale de Mendiz	António Lopes Pinheiro	Pároco
Vila Chã da Montanha	Jerónimo Borges Tenreiro	Vigário

5. Sobre estados de alma, o vigário de Amieiro, por exemplo, classifica a sua paróquia como “*um sítio profundíssimo e triste*” cercado de montes por todos os lados, não se descobrindo daquela “*gruta ou fojo*” povoação alguma.

6. Capela, José Viriato, “As Freguesias do Distrito de Vila nas Memórias Paroquiais de 1758”. 2006.

7. Laiginhas, Jorge, “Dos Concelhos do Concelho de Alijó”. 2000

Quadro nº 2. Composição das paróquias do atual concelho de Alijó, oragos e concelhos de pertença em 1758

PARÓQUIA	COMPOSIÇÃO	ORAGO	CONCELHO
Alijó	Alijó	Santa Maria Maior	Alijó
	Granja		
	Presandães		
Amieiro	Amieiro	Santa Luzia	Alijó
Carlão	Carlão	Santa Águeda	Alijó
	Casas da Serra		
	Franzilhal		
Casal de Loivos	Casal de Loivos	S. Bartolomeu	Gouvães
Castedo	Castedo	S. João Baptista	Alijó
Cotas	Cotas	Santa Maria	Favaios
	Póvoa		Favaios
Favaios	Favaios	S. Domingos	Favaios
	Mondego		Vila Real
	Soutelinho		Vila Real
Pegarinhos	Pegarinhos	N ^a Sr ^a da Assunção	Murça
	Castorigo		
	Valdemir		
Pópulo	Pópulo	S. Sebastião	Murça
	Caldebois		
	Estrada		
	Vale de Cunho		
Ribalonga	Ribalonga	Santa Ana	Vila Real
	Rapadoura		

Quadro nº 2 (continuação). Composição das paróquias do atual concelho de Alijó, oragos e concelhos de pertença em 1758

PARÓQUIA	COMPOSIÇÃO	ORAGO	CONCELHO
Sanfins do Douro	Sanfins	N ^a Sr ^a da Assunção	Vila Real
	Agrelos		
	Cheires		
	Cova de Lobos		
Santa Eugénia	Santa Eugénia	Santa Eugénia	Murça
São Mamede de Ribatua	São Mamede	S. Mamede	S. Mamede
	Foz		Alijó
Vale de Mendiz	Vale de Mendiz	S. Domingos	Vila Real
Vila Chã	Vila Chã	S. Tiago Maior	Vila Real
	Carvalho		Alijó
	Chã		
Vila Verde	Vila Verde	Santa Marinha	Vila Real
	Freixo		
	Jorjais		
	Perafita		
Vilar de Maçada	Vilar de Maçada	N ^a Sr ^a da Assunção	Vila Real
	Cabeda		
	Francelos		
	Sanradela		
Vilarinho de Cotas	Vilarinho de Cotas	Santo António	Vila Real

curiosa era a situação de Soutelinho que, nos meses de maio, junho, julho e agosto, respondia à paróquia de Sanfins do Douro, do concelho de Vila Real.

A paróquia S. Mamede, integrando o lugar da Foz, do concelho de Alijó, pertencia ao couto de S. Mamede de Ribatua.

Ao concelho de Murça pertenciam as paróquias de Pegarinhos, Pópulo e Santa Eugénia.

As paróquias de Ribalonga, Sanfins do Douro, Vale de Mendiz, Vila Chã, Vila Verde, Vilar de Maçada e Vilarinho de Cotas pertenciam ao concelho de Vila Real.

A paróquia de Casal de Loivos, da qual, muito mais tarde (1993) haveria de sair a freguesia de Pinhão, pertencia ao couto de Gouvães do Douro.

Destas paróquias, Alijó, Favaios, Sanfins do Douro, S. Mamede de Ribatua e Vilar de Maçada, são as mais antigas, anteriores, até, à fundação da própria nacionalidade, sendo já mencionadas no Censal da Sé de Braga, elaborado entre 1084-1091. Elas seriam as primeiras paróquias da Reconquista nesta região⁸.

Logo a seguir a estas, surge a paróquia de Vila Chã, com a sua autonomia confirmada nas Inquirições de D. Afonso III, em 1258. De acordo com Manuel Plácido, “a grande transformação deve-se ter operado sobretudo no séc. XVII, e princípios do XVIII, de que saiu, à excepção do Pinhão, o panorama das estruturas actuais com a ascensão dos lugares de maior importância e valor económico, e talvez político, a sedes de paróquias.”

4. População e atividades económicas

A população indicada nas Memórias Paroquiais de 1758, bem como nas várias descrições do território realizadas ao longo do século XVIII baseia-se nos Róis de Confessados de cada paróquia, organizados por altura da desobriga quaresmal.

Assim sendo, não se registam, porque as fontes são as mesmas, grandes flutuações no que à evolução demográfica diz respeito. Isto porque, na realidade, ou essas oscilações não aconteceram ou porque os documentos disponíveis as não do-

cumentam. O quadro que seguidamente se apresenta compara os dados apurados nas “*Memórias Paroquiais de 1758*” com os retirados da “*Descrição Particular do Território que vulgarmente se chama Alto Douro*”, publicado em 1791, mas relativos à Quaresma de 1758: ver quadro 3 da página ao lado.

Independentemente das diferenças de interpretação a que atrás se fez referência e que poderá ter reflexos na respetiva contagem, a população existente no território do atual concelho andaria pelos dez mil habitantes, cerca de metade nas paróquias pertencentes ao termo de Vila Real. A grande maioria dos habitantes dedicava-se à agricultura e à pastorícia ou a profissões subsidiárias: ferreiros, carpinteiros, ferradores... registando-se, igualmente, um pequeno número de comerciantes⁹.

De acordo com as indicações fornecidas pelas Memórias, confirmadas, entre outras já referidas, pela “*Memória Académica em que se dá a descrição da provincia de Tras os Montes e se propoem os methodos para a sua reforma*”, elaborada por António de Sá, o território do Concelho de Alijó poderia dividir-se, tal como o fez Rebelo da Fonseca, em duas grandes zonas: uma, a Norte, com predominio do cultivo da castanha e do centeio, com alguma caça e outra, a Sul, com prevalência da vinha, do azeite, da amêndoa e do figo.

A castanha constituía, na época, juntamente com o milho, o trigo e o centeio, a base da alimentação da população transmontana. O castanheiro cultivava-se basicamente em todo o território, assim como a vinha, sendo que a produção de vinho era considerada como “*superabundante*” em todas as paróquias, à exceção das de Vila Verde e de Vila Chã da Montanha.

O reitor de Vilar de Maçada refere-se à existência de bons vinhos brancos de embarque e de vinhos tintos de ramo, o que é confirmado por Rebelo da Fonseca em 1791, quando afirma que a freguesia “*produz vinhos de ramo excelentes, muito dos quais serviam para embarque, principalmente os que se produzem do lugar de Cabeda para o [rio] Pinhão*.” O coadjutor de Favaios, por outro lado, regista a

Quadro nº 3. Evolução da população entre 1758 e 1781

PARÓQUIA/FREGUESIA	POPULAÇÃO EM 1758	POPULAÇÃO EM 1781 a)
Alijó	1002	925
Amieiro	258	256
Carlão	885	746
Casal de Loivos	220	221
Castedo	383	294
Cotas	443	200
Favaios	1.317	900
Pegarinhos	392	-
Pópulo	257	-
Ribalonga	296	-
Sanfins do Douro	920	943
Santa Eugénia	357	-
S. Mamede de Ribatua	1.028	841
Vale de Mendiz	72	72
Vila Chã	346	-
Vila Verde	814	-
Vilar de Maçada	1.007	1.007
Vilarinho de Cotas	83	66

a) Contempla, apenas as freguesias referidas nas “*Memórias Económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa*”.

grande quantidade de arroteamentos realizados não só em terrenos até aqui a monte mas, também, noutros já plantados com vinha e oliveira. Sentindo a injustiça, o pároco de Vale de Mendiz manifestava-se contra o facto de, na última demarcação, “*os senhores da Companhia*” terem classificado o vinho branco como “*de Ramo*” quando sempre tinha sido considerado “*de Feitoria e sempre se vendeu para os estrangeiros*”, circunstância que “*causa à terra dano irreparável*”.

Ainda que não tenha sido referido pelo seu vigário, em Casal de Loivos, havia “*um modo particular de plantação e cultura de vinhas: elas são todas formadas em geios de parede, e só neles é que se*

planta vinha metida na parede: o plano de terra que fica de geio a geio não tem vinha plantada, e tem largura competente para poder lavar-se ao arado: as vinhas assim plantadas produzem ainda mais vinho.”¹⁰

O trigo e o centeio eram sobretudo produzidos nos terrenos não ocupados pela vinha. Para a moagem da farinha, havia um grande número de moinhos localizados nas margens dos rios. São referidos moinhos em Casal de Loivos, Vale de Mendiz, S. Mamede de Ribatua, Favaios e, sobretudo, Sanfins

8. Plácido, Manuel Alves, “O Povoamento do Concelho de Alijó (1115-1269)”, 1984

9. Mendes, Amado, “Trás-os-Montes nos fins do Século XVIII”, 1995.

10. “*Memórias Económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa*”, 1791, Tomo III, pág. 67.



Fig. 1 Igreja paroquial de Sanfins do Douro



Fig. 2 Igreja paroquial de Favaios



Fig. 3 Igreja paroquial de Vilar de Maçada



Fig. 4 Igreja paroquial de Alijó

do Douro cujo memorialista assevera que, na sua paróquia, se contavam “*reze moinhos de moer pão, um lagar de azeite, um pisão e dois alambiques*”, o que demonstra a pujança e a importância da localidade.

Confirmando a antiguidade e a importância da cozedura do pão na sua paróquia, o coadjutor de Favaios menciona as “*muitas padeiras que nesta vila há, de cuja bondade e quantidade de pão se remedia até os lugares vizinhos*”.

As espécies cinegéticas mais comuns eram os coelhos, as galinhas, as rolas e as perdizes. A fauna bravia era basicamente constituída por lobos, raposas, texugos, toirões, gatos monteses e cobras.

Nos rios Douro, Tua e Pinhão, principalmente nestes, abundavam os barbos, as enguias, as bogas, os robalos, as solhas, os sáveis e as lampreias, estas últimas, sobretudo, como refere o vigário de Carlão, “*enquanto no rio Douro se não quebrou uma grande fraga*.” Não havia, em geral, pescarias mas, em Pegarinhos, no rio Tinhela, e em Castedo, no rio Douro, faziam-se chumbeiras e armadilhas para apanhar peixe.

A propósito do rio Douro, o maior, o mais caudaloso e aquele cuja importância dá nome à região em que o concelho de Alijó se insere, o vigário de Casal de Loivos afirmou lembrar-se de, em 1754, o ver completamente seco, de tal forma que “*os moleiros o vadiavam a pé*.” Referiu, igualmente,

que pelo cais do Pinhão passavam habitualmente barcos transportando 60 pipas de vinho e outros produtos locais para a cidade do Porto!

Pelos vigários de Casal de Loivos e de Castedo é feita referência à produção de sumagre¹¹ na área das suas paróquias. Embora esta cultura já se não faça na atualidade, a verdade é que ela chegou a atingir grande expressão e elevado valor económico, ao ponto de existir, em Vilarinho de

11. O sumagre é um arbusto que apresenta, em média, uma proporção de 20 a 30 % de tanino na sua constituição. A produção e comércio do sumagre atingiram o auge na região na transição do séc. XVII para o séc. XVIII. Com o desenvolvimento da viticultura, sobretudo a partir da demarcação pombalina, este cultivo foi progressivamente substituído pela vinha, entrando em declínio. (Ribeiro, José, 2010).

Cotas, uma feitoria de sumagre¹² que, depois do vinho e do azeite, era o produto duriense de maior importância, atingindo a sua produção anual alguns milhares de toneladas¹³.

Ainda no que diz respeito às atividades económicas, destaque para as hortas, referidas sobretudo nas memórias de Casal de Loivos, onde se cultivava “*chá fino*” e de Castedo. Nestas hortas cultivava-se o milho, o feijão, laranjas, melões e legumes diversos.

Realizavam-se duas feiras francas, uma mensal, em Alijó, todos os dias 11, com a duração de um só dia e uma outra, anual, em Casal de Loivos, na

12. Fonseca, F.P. Rebelo da “Descrição Económica do Território que vulgarmente se chama Alto Douro”

13. Ribeiro, José, “Notícias do Douro”, edição de 26-03-2010.

véspera e no dia de S. Bartolomeu, com a curiosidade de que “a maior abundância de fazendas que a ela concorre são melões e pimentões.” Iguamente por ocasião da romagem à capela de Nossa Senhora do Pópulo, que ocorre “na primeira oitava do Espírito Santo”, se faz uma “feira de toda a casta de mercadorias e de todo o género de viveres.”

Apenas Alijó tinha correio e somente uma vez por semana: era “um correio de pé” que vinha de Vila Real e se dirigia para o concelho de Ansiães. Chegava à terça-feira e partia no dia seguinte. Este mesmo correio, de passagem por Sanfins, Favaios e S. Mamede, deixava a correspondência destinada a estas povoações e recolhia a que estivesse disponível para seguir sem, contudo, se deter mais do que o tempo suficiente para tal. Todas as restantes paróquias se serviam exclusivamente do correio de Vila Real.

5. Administração da Justiça

Coexistindo, em 1758, no território do atual concelho de Alijó, três concelhos autónomos integralmente implantados (Alijó, Favaios e S. Mamede de Ribatua) e paróquias inteiras pertencentes a mais três (Vila Real, Murça e Gouvães), a organização da justiça não era aplicada em todas as localidades da mesma forma:

Assim, de acordo com o respetivo reitor, em Alijó havia câmara e Juiz ordinário. O vigário de Carlão, no entanto, afirmava que a sua paróquia estava “sujeita à vila de Alijó, que se governa[va] por dois juizes ordinários, vereadores e procurador.” O coadjutor de Favaios identificava para aquela vila “um juiz ordinário, um vereador e procurador do concelho e um escrivão.” O abade de S. Mamede mencionava, igualmente, “uma câmara e um juiz ordinário” e o pároco de Sanfins referia-se à existência de um juiz pedâneo¹⁴ que mandava “assentar as coimas.”

14. Criado no reinado de D. Manuel I, o juiz pedâneo, também conhecido como juiz de vintena, tinha competência para decidir sumariamente e mandar prender em caso de roubo ou de assalto e para aplicar coimas que não excedessem determinada quantia. Os juizes pedâneos foram extintos em 1835, sendo as suas atribuições transferidas para os juizes de paz. – Graes, Isabel, “O Poder e a

O vigário de Casal de Loivos, anotava que, na sua paróquia, “por ser couto da Mitra Primaz de Braga aqui se não pode prender criminoso algum que aqui venha refugiado. E ainda que alguma pessoa ou seja natural desta terra ou de fora cometa crime pelo qual pelas leis mereça ser punido com ‘pena sanguinis,’ é isento de tal suplicio.”

O Manuscrito apresentado por Amado Mendes, por seu turno, no capítulo destinado à Justiça, afirmava que Alijó possuía dois escrivães do geral, um escrivão de órfãos, um escrivão de sisas e um alcaide. No mesmo documento, dizia-se que Favaios era anexa do juiz de fora de Alijó e tinha um escrivão, a câmara e um alcaide. Relativamente a S. Mamede, era dito que o escrivão que ali exercia era o mesmo que desempenhava idênticas funções em Gouvães e em Provesende, já que os três eram coutos da Arquidiocese de Braga.

6. Fortalezas e Castelos

São imensos os testemunhos da presença humana no território do atual concelho de Alijó, logo desde a Pré-História¹⁵, aqui se vindo a fixar, igualmente, em momentos diferentes, “romanos, suevos, visigodos e muçulmanos”¹⁶ cujas marcas ainda se conservam: a anta da Fonte Coberta e outras de menor dimensão que enxameiam pelo planalto do Vilarelho, as pinturas rupestres da Pala-Pinta (Carlão), pontes e pequenos troços de vias romanas e moedas de várias épocas atestam à saciedade esta afirmação.

Referem a existência de vestígios de antigas fortalezas os párocos de Casal de Loivos (Circa e Castelo de Vilarinho), Ribalonga (Castelo da Ribalonga) e Vila Verde (Feitosa e Freixo), ainda que se não detenham em pormenores, ao contrário dos párocos do Pópulo, de Sanfins do Douro e de Pegarinhos.

O pároco de Pópulo destaca a existência de “uma grande e fortíssima Muralha e castelo no meio dela

Justiça em Portugal no século XIX”, 2014.

15. Leitão, Fernando Rodrigues, “Monografia do Concelho de Alijó”, 1963.

16. Figueiredo, Manuel, “As Povoações do Concelho de Alijó, Uma História Milenar”, 2017.

com seus dois fossos e contra fossos, mas já todo arruinado, mas ainda conserva muitas e fortes cantarias de que era fortificada e chamam-lhe o Castelo de S. Marcos.”

O memorialista de Sanfins do Douro, por seu lado, confirma a existência de uma fortaleza em Cheires e de um castelo “no mais alto deste monte chamado aqui vulgarmente de Santa Margarida, mostra ser obra grande no tempo antigo, tem ainda muros em partes de onze e doze palmos de alto” e umas pequenas casas onde apareceram “algumas moedas de prata e tijolos lavrados.”

O cura de Pegarinhos declara que, em Castorigo, “se acham os vestígios de que esteve fundado um castelo que dizem os naturais se chamava e ainda conserva o nome de Castelo de Castorigo.” Confirma, mais adiante, que ainda são visíveis “fossos e contra fossos e têm aparecido alguns ferros comidos do tempo.”

7. Consequências do terramoto de 1755

Pelas informações obtidas através das Memórias Paroquiais de 1758, o terramoto de 1755 não provocou grandes danos no concelho de Alijó. Em Carlão, por exemplo, deu muito mais prejuízo a grande enchente de 1739, que fez desabar uma ponte de pedra, do que o sismo que, “pela bondade de Deus”, expressão do reitor de Alijó, praticamente se não fez sentir.

Apenas os memorialistas de Castedo, cuja igreja “se arruinou de paredes e teto”, Ribalonga, onde “algumas casas experimentaram ruína, mas tão pequena que não é digna de memória”, Vale de Mendiz, localidade onde “cessaram as águas em algumas fontes”, Vila Chã, onde “tudo tremeu e não houve perda alguma” e Vilar de Maçada se lhe referem.

E foi exatamente o reitor de Vilar de Maçada que mais se alongou sobre o assunto, dizendo, entre outras coisas, que “se toldou toda a água, mudou de cor e cheirava a enxofre e assim esteve muitos dias cor de leite e de repente secou e mingou três partes do corrente.”

8. Homens insignes

O concelho de Alijó era, como se pode comprovar pela leitura do mapa da população que se apresenta em anexo, habitado por homens e mulheres do povo que viviam do amanho das suas terras, razão pela qual aqui não “tenham florescido” ou saído “homens insignes” ou particularmente reconhecidos pelas suas virtudes.

Não obstante, o vigário de Castedo faz notar que, na sua paróquia, “floresceram muitos religiosos entre os quais o mais insigne, foi o reverendíssimo padre mestre Frei Manoel de Sousa, religioso da Santíssima Trindade e mestre jubilado na sua Religião e Definidor Consultor da Bula da Santa Cruzada.”

O reitor de Vilar de Maçada afirma que dali “foi natural António Correa Bahareem que tomou no mar de Ormuz a ilha de Bahareem para onde embarcou em mil quinhentos e dezoito.” Afirma, ainda, que D. Jerónimo de Melo “foi baptizado nesta igreja de Vilar de Maçada, foi vice rei da Índia, este pai de Dom Francisco Manuel de Melo que foi embaixador de Inglaterra.” Na continuação da sua memória, faz igualmente referência à família e casa dos Dragos cujo último possuidor terá sido Baltazar Drago.

Referências bibliográficas

CAPELA, José Viriato, “As Freguesias do Distrito de Vila Real nas Memórias Paroquiais de 1758”, Braga, 2006.

CAPELA, José Viriato, “Boticas nas Memórias Paroquiais de 1758”, Braga, 2001.

CASTRO, Columbano Pinto Ribeiro de, “Descrição da Província de Tras os Montes, suas Comarcas, e população, feita no anno de 1796” in “Illustração Transmontana”, Lisboa, 1908.

FIGUEIREDO, Manuel, “As Povoações do Concelho de Alijó, Uma História Milenar”, Lisboa, 2017.

FONSECA F. P. Rebelo da “Descrição Económica do Território que Vulgarmente se chama Alto Douro”, Lisboa, 1791.

LAIGINHAS, Jorge, “Dos Concelhos do Concelho de Alijo”, Vila Real, 2000.

LEITÃO, Fernando Rodrigues, “Monografia do

Concelho de Alijó”, Lisboa, 1963.

GRÁCIO, Joaquim, “Monografia de Sanfins do Douro”, Porto, 1993.

LIMA, Luís Caetano de, “Geografia histórica de todos os estados soberanos da Europa”, Lisboa, 1734.

MENDES, Amado, “Trás-os-Montes nos fins do Século XVIII”, Lisboa, 1995.

PINTO da Rocha, “Monografia de S. Mamede de Ribatua”, Vila Real, 1993.

PLÁCIDO, Manuel Alves, “O Povoamento do Concelho de Alijó (1115-1269)”, Vila Real, 1984.

RIBEIRO, José Alves, “Notícias do Douro”, edição de 26-03-2010.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, “A Historiografia Portuguesa. Doutrina e Crítica”, Lisboa, 1974.

SOUSA, Fernando de e Silva Guimarães, “Memórias de Vila Real”, Vila Real, 1987.

Anexo 1. Tomo III das “Memórias Económicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa para o adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Industria em Portugal, e suas Conquistas”, páginas 62 a 68.

Anexos

”

Capitulo IX.

Descrição particular do terreno, que fica entre o rio Pinhão, e o rio Tua.

Ao Nascente do sobredito terreno do mesmo lado Septentrional do rio Douro fica immediatamente situado o que está entre os rios Pinhão, e Tua, que pelo Norte fica confinado com as Serras de varias Freguezias, que não entrão nesta Descrição: do Nascente he limitado pelo rio Tua, do Sul pelo Douro, e do Poente pelo Pinhão: tem de Norte a Sul na sua maior extensão mais de duas léguas, e o mesmo de Nascente a Poente: contém as Freguezias de Villar de Maçada, Samfins, Alijo, Favayos, Vallarinho de Cotas, Castedo, S. Mamede de Riba-Tua, Amieiro e Carelão: a primeira Freguezia, que fica ao Norte deste terreno da parte Poente, he a da Villar de Maçada, fronteira á de Souto-maior, separadas pelo rio Pinhão: confina pelo Norte com a Freguezia de Tresminas, pelo Nascente com a de Villa-chão, pelo Sul com a de Samfins, e pelo Poente com o rio Pinhão. Produz vinhos de ramo excellentes, muitosdos quais servião para embarque, principalmente os que se produzem do lugar de Cabeda para o Pinhão, que além de serem finos, são notáveis pela sua côr muito cuberta: produz muito azeite, alguma castanha, e bastante pão: tem criação de gado em alguns lugares: tem 1 007 almas em 347 fogos. Ao Sul de Villar de Maçada está a Freguezia de Samfins, que do Nascente confina com a de Alijó, do Sul com a de Favaios, e sitio de Além-Pinhão, da Freguezia de Celeiroz, e do Poente com o rio Pinhão. Para as costas que deitão para o Pinhão produz bons vinhos de ramo; os que produz nos altos são muito inferiores, e os mais delles só servem para destillar; produz tambem muito azeite, alguma castanha e pão; tem 943 almas em 260 fogos. Ao Nascente de Samfins fica a Villa e Freguezia de Alijó, que do Norte confina com a de Villa-chão, do Nascente com a de Amieiro, do Sul com a do Cartedo, e do Poente com a de Favayos. Produz esta Freguezia vinhos de ramo inferiores, e os mais delles em terras, que se tem tirado á lavoura do pão: esta Freguezia podia ter hum augmento muito consideravel: a sua terra he muito fertil, e em muita extensão: tem aguas de rega, que com alguma despeza podião augmentar-se muito, fazendo-as aproveitar, e buscar em hum morro, que lhe fica superior, e donde podião conduzir-se para qualquer parte que conviesse, podendo abrir-se muitas terras incultas para se empregar nellas a agua, que tambem seria muito util para outras já cultivadas, a que não he suficiente a que já tem; pois produzindo com muita fertilidade ainda as mesmas terras que não são regadas, sendo-o, duplicarão os seus fructos: as terras que não fossem capazes de lavoura deverião ser todas aproveitadas, semeando-lhe bons mattos para estrumes, e boas pastagens para os gados, que alli se podião crear em grande quantidade, e em algumas mais ásperas pinhaes, para segurar as lenhas necessarias para uso. A terra oferece todas as comodidades para hum grande aumento de povoação: abundancia, e bom preço dos viveres; a bondade do ar; a comodidade dos preços dos materiais para edificar, e a bondade, e abundancia de aguas, tem capacidade para huma consideravel plantação de amoreiras, assim como quasi todas as terras deste terreno, para a criação dos bichos da seda: para

Anexo 1. Tomo III das "Memórias Económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa para o adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Indústria em Portugal, e suas Conquistas", páginas 62 a 68.

animar tudo isto seria conveniente estabelecerem-se alli fabricas de meias de seda, fittas, e algum outro tecido de seda, e alguns lanifícios grossos para consumo das lans da terra, e seus contornos: deveria a Camera passar logo e aforar todas as terras baldias por foros moderados, a quem se obrigasse a rompellas dentro de tres anos ou aproveitallas com algum beneficio: os proprietarios que dentro de tres anos não fizessem o mesmo ás suas, deverião ser obrigados a fazer aforamentos dellas, como os dos baldios, a quem as houvesse de romper em termo breve. Havendo abundancia de agua de rega, e de estrumes, e gados para fomentar a terra, podia produzir-se quantidade de linho, para se empregarem as mulheres da terra na sua manufactura: para este beneficio deveria concorrer o Collegio de S. Pedro da Universidade de Coimbra, como interessado nos dizimos, que percebe de toda aquella terra, e por isso lhe competia procurar o aumento dos seus fructos, fazendo por sua conta a despeza necessaria para a extracção, e condução das aguas do morro, que fica apontado, até assima da Villa, e aprontando á sua custa as primeiras sementes necessarias para os mattos, e pastagens, e os grãos necessarios para as primeiras sementeiras, que se fizessem nas terras que de novo se rompessem, as quaes deveria tambem isentar de dizimos os primeiros dez anos que se cultivassem: e deveria tambem o mesmo Collegio animar o estabelecimento das fabricas com alguma ajuda de custo aos fabricantes, que alli quisessem ir estabelecer-se. Para execução deste projecto poderia nomear-se para aquella Villa hum Juiz de Fóra com os talentos necessarios, para se lhe encarregar, pagando-lhe o dito Collegio para isso algum ordenado; porque o lugar he de hum rendimento mui tenue, e para o auxiliar nesta execução, serviria muito o Reitor da mesma Villa José Bernardino Botelho, Filosofo muito habil, e inteligente, dotado das luzes necessarias, e de hum exacto conhecimento do terreno: ambos juntos poderião procurar todos os meios necessarios para que se augmente muito a povoação, e a agricultura, e industria com utilidade publica, e do dito Collegio, na grande riqueza do qual cabem mujito bem estes avanços. Produz esta Freguezia algum azeite, bastante pão, e castanha, e tem criação de gados: tem huma feira todos os mezes muito a proposito para lhe trazer o necessario, e gastar o superfluo, e em que se poderia dar sahida ás manufacturas das suas fábricas: tem 925 almas em 315 fogos. Ao Poente de Alijó está a Villa, e Freguezia de Favaio, que pelo Norte confina com a Freguezia de Samfins, pelo Poente com o rio Pinhão, e pelo Sul com as Freguezias de Val de Mendiz, e Cotas. Produz no sitio chamado Além-Pinhão, á beira do mesmo rio, algum vinho de embarque bom, o que produz nas costas dahi para cima até o lugar do Soutelinho he de ramo bom, e o que produz nos altos he inferior: produz muito azeite, castanha, e pão, e tem criação de gados: são-lhe applicaveis as providen para Acias, que ficão apontadas para Alijó, a respeito da cultura, porém os dizimos são da Mitra de Braga: tem 900 almas em 284 fogos.

Capítulo X.

Continuação da mesma matéria.

Pelo Sul da Freguezia de Favaio ao longo do Pinhão fica a Freguezia de Val de Mendiz, que do Poente confina com o rio Pinhão, e pelo Sul com as de Casal de Lobos, e Villarinho de Cotas, e pelo Nascente com o sitio de Além-Pinhão da

Freguezia de Celeiroz. Produz bom vinho de ramo, e muito azeite, aproveita-se o sumagre: tem 74 almas e 24 fogos. Ao Sul de Val de Mendiz está a Freguezia de Villarinho de Cotas, que produz algum vinho de ramo ordinario, e muito azeite, tem huma feitoria de sumagre: tem 66 almas em 27 fogos. Ao sul de Villarinho de Cotas está a Freguezia de Casal de Lobos, que do Poente confina com o rio Pinhão até onde se mete no Douro, do Sul com o rio Douro, e do Nascente com a Freguezia de Cotas, da qual a separa a ribeira da Povia. Produz vinho de ramo fino, e muito azeite, aproveita-se o sumagre que produz a terra: tem 221 almas em 85 fogos. Ao Nascente de Casal de Lobos está a Freguezia de Cotas, que do Sul confina com o rio Douro, do Nascente com a Freguezia do Castedo, e do Norte com a de Favaio. Os vinhos que produz na costa da borda do Douro são de ramo de boa qualidade; os que produz para o alto são inferiores: produz grande abundancia de azeite, algum pão, e castanha, e sumagre, que se aproveita. Para a parte do Douro tem ainda bastantes mattas incultas, em que ás vezes se vem lobos, e porcos bravos, as quaes se podião aproveitar para vinhas, e olivae, pois que a mesma natureza produz nellas muitas oliveiras bravas. Nos altos tambem ha terras incultas, que podião aproveitar-se para pão. Nesta Freguezia e della para cima ha hum modo particular de plantação, e cultura de vinhas: ellas são todas formadas em geios de parede, e só nelas he que se planta vinha metida na parede: o plano de terra que fica de geio a geio não tem vinha plantada, e tem largura competente para poder lavar-se ao arado: as vinhas plantadas deste modo produzem ainda mais vinho, do que se a terra do plano de geios tivesse tambem vinha, e a cultura he mais e de menos dispendio; mas o vinho que produzem he muito menos bom. Tem esta Freguezia 200 almas em 69 fogos. Ao Nascente de Cotas fica a Freguezia do Castedo, que do Norte confina com a de Alijó, do Nascente com a de S. Mamede de Riba-Tua, e do Sul com o rio Douro. Produz para as costas do Douro vinho de ramo fino, e de hum gosto delicado, porém de pouco corpo, e de pouca duração; nos altos produz vinho de ramo inferior: produz bastante azeite, e algum pão, a cultura do qual podia adiantar-se: tambem tem algumas mattas nas costas do Douro, como a Freguezia de Cotas: tem 294 almas em 111 fogos. Ao Nascente do Castedo fica a Freguezia de S. Mamede de Riba-Tua, que pelo Norte confina com as de Alijó, e do Amieiro, pelo Nascente com o rio Tua, e do Sul com o rio Douro. Produz vinhos de ramo finos, e de gosto exquisito, porém são pouco espirituosos, e de pouca duração: produz muito azeite, algum pão, e tem criação de gados: tem 841 almas em 287 fogos. Da outra parte do rio Tua na ponta que faz com o rio Douro ha ainda uma pequena porção de vinhas, que são da mesma produção. Ao Norte da Freguezia de S. Mamede á beira do Tua fica a Freguezia do Amieiro, que do Poente confina com a de Alijó, pelo Norte com a de Carlão, e pelo Sul com o rio Tua, produz vinhos de ramo maduros, mas fracos, algum azeite, e tem cultura de pão, que algum tanto podia augmentar-se: tem 256 almas em 62 fogos. Ao Norte do Amieiro está situada a Freguezia de Carlão, que pelo Poente confina com a de Alijó, pelo Norte com a de Santa Eugénia, pelo Nascente com o rio Tinhella, que no fim desta Freguezia se mette no rio Tua. Produz vinhos de ramo semelhantes aos do Amieiro, produz azeite, e tem lavoura de pão, que podia melhorar-se: produz muitas fructas de excelente sabôr: tem 746 almas em 243 fogos. Ao Norte de toda esta costa Septentrional do rio Douro, que acaba de descrever-se, ficão muitas terras, em que se produzem vinhos inferiores,

Anexo 1. Tomo III das "Memórias Económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa para o adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Indústria em Portugal, e suas Conquistas", páginas 62 a 68.

Anexo 1. Tomo III das “Memórias Económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa para o adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Indústria em Portugal, e suas Conquistas”, páginas 62 a 68.

e verdes, de que a companhia se não serve para as suas carregações, mas compra grande parte deles por muito diminutos preços para os destilar nas suas fábricas de águas-ardentes; o resto serve para o consumo das terras, e commercio interior. Para se ver com mais facilidade o estado da povoação de toda esta costa, se junta no fim desta Descrição Economica hum mappa della, extrahido exactamente dos registos da Quaresma do anno de 1781, em que se declara o número de fogos, e de almas de cada Freguezia; e se ajunta a nota do estado de algumas Freguezias no anno de 1733, tirado da Geografia de Lima, pelo que se conhece proporcionalmente o grande aumento que tem tido a povoação.

“

”

O que se procura saber dessa terra é o seguinte

Venha tudo escrito em letra legível, e sem abreviaturas.

1. Em que província fica, a que bispado, comarca, termo e freguesia pertence?
2. Se é do rei, ou de donatário e quem o é ao presente?
3. Quantos vizinhos tem (e o número de pessoas)?
4. Se está situada em campina, vale ou monte e que povoações se descobrem daí e qual a distância?
5. Se tem termo seu, que lugares ou aldeias compreende, como se chamam e quantos vizinhos tem?
6. Se a paróquia está fora ou dentro do lugar e quantos lugares ou aldeias tem a freguesia todos pelos seus nomes?
7. Qual é o orago, quantos altares tem e de que santos, quantas naves tem; se tem irmandades, quantas e de que santos?
8. Se o pároco é cura, vigário, reitor, prior ou abade e de que apresentação é e que renda tem?
9. Se tem beneficiados, quantos e que renda tem e quem os apresenta?
10. Se tem conventos e de que religiosos ou religiosas e quem são os seus padroeiros?
11. Se tem hospital, quem o administra e que renda tem?
12. Se tem casa de misericórdia e qual foi a sua origem e que renda tem; e o que houver notável em qualquer destas coisas?
13. Se tem algumas ermidas e de que santos e se estão dentro, ou fora do lugar e a quem pertencem?
14. Se acodem a elas romagem, sempre ou em alguns dias do ano e quais são estes?
15. Quais são os frutos da terra que os moradores recolhem em maior abundância?
16. Se tem juiz ordinário, etc., câmara ou se está sujeita ao governo das justiças de outra terra e qual é esta?
17. Se é couto, cabeça de concelho, honra ou behetria?
18. Se há memória de que florescessem, ou dela saíssem alguns homens insignes por virtudes, letras ou armas?
19. Se tem feira e em que dias e quantos dura, se é franca ou cativa?
20. Se tem correio e em que dias da semana chega e parte; e se o não tem, de que correio se serve e quanto dista a terra aonde ele chega?
21. Quanto dista da cidade capital do bispado e de Lisboa capital do reino?
22. Se tem alguns privilégios, antiguidades, ou outras coisas dignas de memória?
23. Se há na terra ou perto dela alguma fonte, ou lagoua célebre e se as suas águas tem alguma especial qualidade?
24. Se for porto de mar, descreva-se o sítio que tem por arte ou por natureza, as embarcações que o frequentam e que pode admitir?

Anexo 2. Matriz do Questionário das Memórias Paroquiais de 1758

Anexo 2. Matriz do Questionário das Memórias Paroquiais de 1758

- 25. Se a terra for murada, diga-se a qualidade de seus muros; se for praça de armas, descreva-se a sua fortificação. Se há nela ou no seu distrito algum castelo ou torre antiga e em que estado se acha ao presente?
- 26. Se padeceu alguma ruína no Terremoto de 1755 e em quê e se está reparada?
- 27. E tudo o mais que houver digno de memória, de que não faça menção o presente interrogatório.

O que se procura saber dessa serra é o seguinte

- 1. Como se chama?
- 2. Quantas léguas tem de comprimento e de largura; onde principia e onde acaba?
- 3. Os nomes dos principais braços dela?
- 4. Que rios nascem dentro do seu sítio e algumas propriedades mais notáveis delas: as partes para onde correm e onde fenecem?
- 5. Que vilas e lugares estão assim na serra, como ao longo dela?
- 6. Se há no seu distrito algumas fontes de propriedades raras?
- 7. Se há na terra minas de metais; ou canteiras de pedras ou de outros materiais de estimação?
- 8. De que plantas ou ervas medicinais é a serra povoada e se se cultiva em algumas partes e de que géneros de frutos é mais abundante?
- 9. Se há na serra alguns mosteiros, igrejas de romagem ou imagens milagrosas?
- 10. A qualidade do seu temperamento?
- 11. Se há nela criações de gados ou de outros animais ou caça?
- 12. Se tem alguma lagoua ou fojos notáveis?
- 13. E tudo o mais houver digno de memória?

O que se procura saber desse rio é o seguinte

- 1. Como se chama assim o rio, como o sítio onde nasce?
- 2. Se nasce logo caudaloso e se corre todo o ano?
- 3. Que outros rios entram nele e em que sítio?
- 4. Se é navegável e de que embarcações é capaz?
- 5. Se é de curso arrebatado ou quieto, em toda a sua distância ou em alguma parte dela?
- 6. Se corre de norte a sul, se de sul a norte, se de poente a nascente, se de nascente a poente?
- 7. Se cria peixes e de que espécie são os que trás em maior abundância?
- 8. Se há neles pescarias e em que tempo do ano?
- 9. Se as pescarias são livres ou de algum senhor particular, em todo o rio ou em alguma parte dele?
- 10. Se se cultivam as suas margens e se tem arvoredo de fruto ou silvestre?

Anexo 2. Matriz do Questionário das Memórias Paroquiais de 1758

- 11. Se tem alguma virtude particular as suas águas?
- 12. Se conserva sempre o mesmo nome ou o começa a ter diferente em algumas partes; e como se chamam estas ou se há memória de que em outro tempo tivesse outro nome?
- 13. Se morre no mar ou em outro rio e como se chama este e o sítio em que entra nele?
- 14. Se tem alguma cachoeira, represa, levada ou açudes que lhe embarassem o ser navegavel?
- 15. Se tem pontes de cantaria ou de pau, quantas e em que sítio?
- 16. Se tem moínhos, lagares de azeite, pizões, noras ou outro algum engenho?
- 17. Se em algum tempo ou no presente, se tirou ouro das suas areias?
- 18. Se os povos usam livremente das suas águas para a cultura dos campos ou com alguma pensão?
- 19. Quantas léguas tem o rio e as povoações por onde passa, desde o seu nascimento até onde acaba?
- 20. E qualquer outra coisa notável que não vá neste interrogatório.



Anexo 3 (em baixo) Mapa da população do primitivo concelho de Alijó e respetiva distribuição por atividade

POPULAÇÃO DA VILA DE ALIJÓ E LUGARES DO TERMO - 1796																				
Distâncias à vila	Terras	Fogos	Almas	Homens	Mulheres	Eclesiásticos	Pessoas Literárias	Sem ocupação	Cirurgiões	Barbeiros	Lavradores	Jornaleiros	Alfaiates	Sapateiros	Carpinteiros	Ferreiros	Ferradores	Almocreves	Criados	Criadas
1	Alijó	152	502	241	261	7	1	3		2	48	44	6	9	2	2	1		9	10
1	Amieiro	64	258	134	124	3		6		1	15	19		2	2				3	4
1	Carlão	154	527	276	251	9		10	1	2	43	45	7	4	1	2		8	6	2
1	Castedo	113	383	196	187	4		7		4	18	11	2	2				3	4	5
1	Chã	37	164	73	91	2		5			24	3			1	2		1	4	4
1	Cotas-metade	35	100	55	45			4			4	10							1	2
11/4	Franzilhal	71	283	147	136	2		8	1		17	39	2	2					6	1
1/8	Granja	55	181	88	93			3			20	24						2	5	4
1/4	Presandães	91	319	165	154	1	1				40	2		2	3	2		2	7	4
1	Safres	23	91	52	39			3			6	12								
1	Serra	18	75	28	47						6	1								
	Soma	813	2883	1445	1428	28	2	56	2	9	229	348	19	21	9	8	1	16	47	39